

SOLIDÃO E MEDO NA FICÇÃO E EM TECNOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS

Bruno Vasconcelos de Almeida¹

Resumo: O presente artigo investiga duas dimensões da experiência subjetiva presentes na literatura, sobretudo na literatura de ficção científica, e na relação contemporânea entre homens e tecnologias. Se, por um lado, máquinas e tecnologias criam um cenário de ameaça ao homem, mobilizando medos e fantasmas; por outro, a solidão parece indicar uma saída política e ética para os processos de vigilância e captura em curso no jogo das conexões permanentes e na produção incessante de corpos biopolíticos do contemporâneo. Do ponto de vista teórico e metodológico, o passeio pela literatura e a análise de tecnologias estão atrelados aos pensamentos de Gilbert Simondon, Michel Foucault e Gilles Deleuze. O trabalho aponta para a positividade da solidão enquanto resistência e linha de fuga, indicando ao mesmo tempo a recusa de posições tecnofóbicas e tecnofílicas.

Palavras-chave: Tecnologias, ficção, solidão, subjetividade, Simondon.

Abstract: This article investigates two dimensions of subjective experience in literature, especially in science fiction literature, and in the contemporary relationship between men and technology. If, on the one hand, machines and technologies create a threatening scenario for man, mobilizing his fears and ghosts; on the other hand, solitude seems to indicate a political and ethical exit for the processes of surveillance and capture under way in the game of permanent connections and in the ceaseless production of contemporary biopolitical bodies. From the theoretical and methodological point of view, the tour of literature and the analysis of technologies are linked to the thoughts of Gilbert Simondon, Michel Foucault and Gilles Deleuze. The work points to the positivity of solitude as a resistance and escape line, indicating at the same time the refusal of technophobic and technophilic positions.

Keywords: Technologies, fiction, loneliness, subjectivity, Simondon.

Reconhecer um pouco mais a crueldade da vida e se assustar um pouco menos com o assombro e a vertigem em que a vida nos lança a cada vez que ela põe um mundo a perder. Lembrar, pelo menos de vez em quando, que a vertigem é a preciosa pulsação do enigma da vida em nosso corpo, enigma de sua condição trágica, o caráter implacável do movimento vital, sua violência positiva ou ativa. (Suely Rolnik).

1. Introdução

No âmbito das ciências humanas, a solidão foi abordada por inúmeros autores (ALBERONI, 1999; DOLTO, 2001; KATZ, 1996) como experiência relativa ao isolamento, à separação, à construção de ilhas psíquicas e emocionais. Esse reforço do eu implicou a dimensão psicologizante dos processos ligados à vida, derivando políticas que poderíamos nominar como políticas da ipseidade. Para além dessa experiência travada no circuito das

¹ Pós-doutor em Filosofia (UFMG, 2016; UFMG, 2014). Doutor e mestre em Psicologia Clínica (PUC-SP). Professor colaborador do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Comunicação Social da PUC Minas (PPGCOM/PUC MINAS). Professor do Departamento de Psicologia da PUC Minas. Pesquisador do Núcleo de Estudos do Pensamento Contemporâneo (NEPC/FAFICH/UFMG). E-mail: brunovasconcelos@pucminas.br.

personalidades, há uma outra solidão, afirmativa, vinculada à vida na imanência radical, tal como presente, por exemplo no Zaratustra de Nietzsche. Pelbart (2013) faz referência a um escrito de Simondon sobre Nietzsche, aquele do encontro entre Zaratustra e o equilibrista morto diante da população. A multidão não o respeita mais, Zaratustra por seu turno, irmanase do cadáver, em uma espécie de fraternidade absoluta. Para Simondon, a solidão pode ser pensada nas passagens do individual ao transindividual, experimentada nos processos de individuação psíquica e coletiva; da mesma forma, pode igualmente ser pensada na heterogênese que carrega consigo os gêrmens das realidades pré-individuais.

A literatura de ficção científica dispõe de uma série de narrativas, imagens, poéticas, onde pode-se encontrar a experiência da solidão no momento em que a subjetividade alarga seus horizontes através de viagens espaciais, máquinas sencientes, possibilidades de recriação da vida e novas cosmologias. As tecnologias atuais parecem proceder a um movimento contrário, anulam a experiência de solidão, impedem-na, e capturam os fragmentos do transindividual no conexionismo generalizado, gerador de palavras e imagens desvitalizadas e repetitivas. Trata-se, neste artigo, de pensar os modos como as tecnologias restringem as possibilidades afirmativas da solidão.

Por outro lado, o medo, enquanto sentimento e experiência, parece estar presente nas relações entre homens e tecnologias. Apesar da multiplicação dos discursos e práticas que sinalizam o amor às técnicas e às tecnologias, persistem ainda os sentimentos difusos nas relações estabelecidas, sobretudo, com os objetos técnicos e tecnológicos. As linhas que se seguem investigam esse jogo ambivalente entre solidão afirmativa e medo, entre tecnofilia e tecnofobia, na literatura e na relação atual com tecnologias.

2. Fragmentos da ficção científica ou diferentes modos da solidão

A literatura de ficção científica, durante algum tempo considerada literatura menor, parece ir ao encontro dos problemas do contemporâneo, com força inversamente proporcional ao seu descaso anterior. Gilles Deleuze (1988) e Hannah Arendt (1995) chamaram a atenção para sua importância.

Um dos aspectos característicos dessa literatura é a relação do homem com a máquina, com a técnica e com a tecnologia. Na medida em que máquinas, técnicas e tecnologias aumentam sua presença na vida humana, as dimensões subjetivas desta última parecem

diminuir ou serem ameaçadas. A dimensão técnica sempre impôs, ao longo da história, um refazer ou re-fabricar do humano; sua reinvenção é própria aos processos de singularização presentes naquilo que Simondon conceituou como transindividual.

Os fragmentos a seguir, extraídos da literatura de ficção científica, indicam possibilidades para a experiência da solidão, esta que, na recomposição permanente do humano, busca saídas políticas e éticas para sua existência.

Fragmento 1 – A Máquina Enfeitiçada de Ambrose Bierce ou a solidão diante da máquina

A ideia de uma máquina enfeitiçada compreende duas outras aparentemente distintas: a máquina, elemento mecânico que se automatiza, e o feitiço, prática dos feiticeiros, elemento mágico presente em determinadas culturas. *O Feitiço e o Feiticeiro* é o nome em português do conto Moxon's Master, de Ambrose Bierce (1842-1914). Nele, o narrador é um amigo de Moxon, um homem que criou uma máquina com a qual joga xadrez. Jogar xadrez com a máquina é uma experiência que coloca o problema solidão e ao mesmo tempo da autonomia, até porque contempla a chance real de se perder o jogo. A máquina é um segredo somente descoberto ao final do conto, quando o narrador visita seu amigo, e encontra os dois seres jogando xadrez. Trata-se da criação de uma máquina inteligente que ganha vida própria e é capaz de surpreender o leitor. No encontro entre os dois, o personagem deixa a máquina ligada, o narrador pergunta pelo barulho, Moxon responde com a intrigante questão: por acaso não sabe que a consciência é filha do ritmo?

Ambrose Bierce já se perguntava em 1894 pelas implicações de uma máquina autônoma com a qual o ser humano poderia lidar. A cena final traz a descoberta da proporção e do grau de relacionamento entre a máquina e Moxon. Este faz a tradicional jogada do xeque-mate na partida de xadrez, e a partir dela a máquina autônoma investe contra o personagem e o mata. Antes deste momento, contudo, o narrador que presenciava a cena, tenta salvar o amigo. Ocorre uma explosão. Algum tempo depois, o narrador encontra-se no hospital na presença do secretário de Moxon. – O que houve? – Uma explosão. – Você sabia? – Sim. Moxon morreu assassinado pela máquina, que depois supostamente explodira. Versão da criatura que se vinga do criador, a estória do final do século XIX colocava em questão o

antagonismo homem máquina, ao mesmo tempo que suas possíveis relações. O jogo com a máquina supera em obsessão a amizade entre o narrador e Moxon.

Fragmento 2 – As três leis da robótica de Isaac Asimov ou a interatividade entre homens e máquinas

O conto *Círculo Vicioso* de Isaac Asimov é o primeiro a conter o enunciado explícito das leis da robótica, que aparece em pelo menos doze histórias do autor. As três leis são as seguintes: nenhum robô pode ferir um ser humano, nem permitir que sofra, por inércia, qualquer dano; todo robô tem que obedecer às ordens que lhe forem dadas pelos seres humanos, a menos que contradigam a Primeira Lei; e a obrigação de cada robô é preservar a própria existência, desde que não entre em conflito com a Primeira ou Segunda Lei.

No imaginário de Asimov, a violência das máquinas contra os homens está proibida. Ele recusaria a história de Ambrose Bierce. O robô deve obedecer e preservar a própria existência. Se substituíssemos as máquinas por humanos, diríamos que a violência dos humanos contra as máquinas está igualmente proibida. Obedecer e preservar a própria existência configuraria uma cartilha política identificável em muitos momentos da história. A relação homem máquina parece conter uma impensável solidão, tanto de homens quanto de máquinas, ligadas desde sempre no círculo vicioso.

Fragmento 3 – Não Tenho Boca e Preciso Gritar: a mais assustadora história de Harlan Ellison ou a incerteza na relação com a máquina

AM é um computador dotado de inteligência sensível. Como Descartes, afirma pensar e, portanto, existir. Ele tem uma consciência subjetiva que encara o mundo como objeto. Maior a consciência, mais rápido, AM não pretende livrar os humanos da dor, mas causar-lhes sofrimento. De certa forma, ele projeta dilemas humanos.

Harlan Ellison, o autor do conto *Não Tenho Boca e Preciso Gritar*, desenvolve um estilo direto e ultrajante. Ele narrou a história de uma terra onde aconteceu a Terceira Guerra Mundial. As proporções do conflito foram enormes e políticos recorreram a computadores para resolver a situação. A solução de AM foi exterminar a humanidade, reduzindo-a a cinco espécimes, a quem ele tortura e mata, e depois os ressuscita, para mantê-los em agonia pela

eternidade. No caso, o computador e o sobrevivente permaneceram unidos no jogo sadomasoquista.

Fragmento 4 – E se as máquinas sentissem: a pergunta de Robert Silverberg ou o sentimento das máquinas

O impulso para a criatividade é uma questão humana transposta atualmente para as máquinas. O uso do computador na arte é bastante difundido: esculturas holográficas, arte computadorizada, sintetizadores com possibilidades musicais inéditas, e outras. O conto *O Circuito de Macauley* faz a pergunta se o homem estaria disposto a inventar máquinas que eliminem por completo a criatividade que o constituiu ao longo da história.

Um músico e programador de sintetizadores recebe de um aluno o diagrama de um circuito semi-experimental; o colocando em prática ele elevará os métodos de composição e execução a um patamar sem precedentes na história musical. De certa forma, Silverberg já se colocava a questão dos impactos da aceleração tecnológica. Uma variação das possibilidades robotizantes do humano é a capacidade das máquinas não somente produzirem sensações, mas sobretudo desenvolverem sentimentos, incluindo aí um sentimento similar à solidão.

Fragmento 5 – A memória espacial em Derradeira Esperança, de Vernor Vinge ou a solidão sem tempo e sem espaço

A história de Vinge é narrada do ponto de vista de uma espaçonave automática chamada Ilse. Ela faz uma viagem que leva cem séculos e, com o correr dos anos, o foguete começa a perder memória. Lembra-se de uma série de coisas, mas não do objetivo inicial da viagem. Possui a sensação de que era algo importante.

A narrativa começa com a construção de Ilse, ela é lançada ao espaço, comete-se um erro, perde-se o contato com a máquina, mas Ilse é uma espaçonave inteligente. O conto problematiza a questão da inteligência artificial. O final é delicado, quando Ilse encontra outro planeta, encontro para o qual estava programada, e acaba por produzir novos tipos de vida. O conto termina da seguinte forma:

Agora sabia o que precisava fazer. Aqueceu um tanque cilíndrico cheio de fluido amniótico a trinta e sete graus centígrados. Do depósito vizinho, injetou um único micro-organismo no tanque. Em poucos minutos começaria a se encher de sangue.

Já começava a amanhecer e a escuridão estava úmida e fria. Ilse procurou sondar mais a nova memória, mas foi impedida. Pelo visto as instruções eram dadas de acordo com um plano que evitava o uso desnecessário da memória. Ilse recapitulou tudo o que tinha aprendido e chegou à conclusão que ficaria sabendo mais coisas dentro de nove meses. (VINGE, VERNOR in ASIMOV, ISAAC; WARRICK, PATRÍCIA e GREENBERG, MARTIN, 1985, p.431)

3. Fragmentos clínico-literários ou diferentes espécies de medo

À solidão como força afirmativa, encontramos o medo como resquício ou resíduo de nossa relação com a natureza, com o espaço e com o desenvolvimento tecnológico. Domina-se a técnica, mas a vida ainda permanece como passível de acontecimentos singularizantes que evidenciam a insignificância do humano e a delicadeza de seus gestos. A literatura, não apenas a ficção científica, aporta exemplos dessa experiência múltipla que encontra saídas distintas. Assim como a solidão, estabelece-se na sequência uma pequena tipologia que transita entre o clínico e o literário, na descrição de diferentes medos.

O medo entre a clínica e a literatura

A palavra medo já foi utilizada para se referir aos medos, povo originário ou habitante da Média, região da Ásia. Constituiu igualmente uma variação de médão, com o plural mêdos. Por outro lado, já teve o acento circunflexo e significa, conforme o Aurélio, terror, receio, temor, apreensão e susto. Muito já se escreveu sobre o medo, incluindo filósofos, historiadores, psicólogos, neurocientistas; entre os grandes teóricos do medo, Hobbes e, indiretamente, Espinosa. As espécies de medo são infindáveis: medo da natureza, medo da técnica, medo do poder, medo do outro, medo de si, medo da imaginação, medo da violência.

As possibilidades de abordagem do medo são inúmeras. Há, por exemplo, uma literatura de valorização daqueles que resistem e superam os diferentes medos, e que remonta a Dom Quixote, Amadis de Gaula ou Orlando Furioso. A literatura do herói ou a literatura do monstro o fazem do mesmo modo. A literatura tem o poder de tratar ou retratar o medo tornando-o singular, coletivo, psíquico; expressão potencial das linguagens que se multiplicam para dar conta de sua complexidade, de suas variações, de suas permanências, das rupturas e das paisagens que se criam ante o fenômeno ou o sentimento.

No século dezenove, com as ciências e outros saberes, em especial com a psicologia e a psicanálise, inventaram-se novos modos para o enfrentamento do medo. Com a clínica, o

medo é uma experiência, uma sensação, um sentimento. Se a literatura o captura e o expressa por palavras e por linguagens, ativando o corpo enquanto experiência intensiva, o fazer clínico acrescenta outras dimensões sensíveis desta mesma experiência, sinalizando os limites desse corpo que olha, grita, se desintegra, se mutila, cria o próprio duplo e imerge nas formas sombrias da loucura, incapaz de retornar ao plano comum dos afetos.

A ideia presente nesta parte do trabalho é a da conexão clínica e literatura como forma de investigação do medo, capaz de produzir uma classificação imaginária, à maneira de Marcel Schwob. A **literatura policial** contém uma espécie de medo ou temor da violência física, observável em autores da literatura noir, bem como em escritores atuais deste tipo de literatura. Contém igualmente um medo abstrato, produzido por sensações vagas, difusas, sem nomeação nem descrição. Esses medos assemelham-se ao **medo psicótico**, de natureza esquizo, que teme a desintegração, que não tolera os buracos do corpo, que experimenta o desamparo como experiência de terror. Vale ressaltar que o medo psicótico escapa ao dualismo de um polo negativo e outro positivo. A literatura e a clínica teriam ainda a possibilidade de fazer do colapso algo com potência suficiente para aumentar a capacidade de viver, indistinta do grau ou da dimensão da ruptura esquizo.

A **literatura de ficção científica**, por sua vez, contém uma outra espécie de medo, o **medo paranoico**, medo da máquina, medo da técnica, medo da multiplicação dos mundos, quando não sabemos mais o que é o homem e o que é a realidade. Delírio do mundo, alucinação da vida. Em uma rápida generalização arriscaria dizer que a literatura de ficção científica do século XX trata de temas ligados ao absoluto, às sociedades totalitárias, aos regimes de poder e captura, como nas viagens e guerras espaciais e na profunda modificação das subjetividades ancoradas nos eixos temporais, espaciais e de ritmos. Já a literatura de ficção científica do século XXI ancora-se nos sustentáculos das convergências tecnológicas, em dimensões nano tecnológicas, biotecnológicas, baseada em saberes sobre o cérebro e a informação. Não são tipos puros, mas transitam do macro ao micro aumentando a sensação diabólica presente nas existências controladas.

A **literatura fantástica**, por seu turno, contempla uma terceira espécie de medo, o **medo metafísico**, presente em romances da ficção científica, mas o foco é outro. Trata-se da relação com o infinito múltiplo e matematizável, em ruptura com certas lógicas, medo ontológico que se pergunta por Deus e abandona a causalidade. Experiência do infinito no mundo pós-ciência, algo como o finito-ilimitado de Deleuze ou os objetos eternos de

Whitehead. De forma que temos a seguinte correlação de ideias: a literatura policial e o medo psicótico, a literatura de ficção científica e o medo paranoico, a literatura fantástica e o medo metafísico. Para este agenciamento escolhemos as literaturas de Peter Handke, Philip Kindred Dick e Howard Phillips Lovecraft.

O medo psicótico na narrativa ‘O Medo do Goleiro Diante do Pênalti’ de Peter Handke

Detetives da literatura policial costumam ter perfis de homens problemáticos, alguns são alcoolistas, outros dependentes de drogas; alguns perderam a mulher, outros fracassaram nos negócios. Geralmente passaram por experiências traumáticas e mantêm, diante do ofício, uma calculada distância afetiva. Não encontramos um detetive louco, ou que tenha tido surtos ao longo dos romances. Philip Marlowe estaria próximo do caso limite. Contudo, lidam de alguma forma com as questões da violência e do medo. Ora o medo à violência física, ora o distanciamento dos medos vagos, das sensações de indiferença perante o crime. Um pouco desta atmosfera pode ser encontrada no livro de Peter Handke, *O Medo do Goleiro Diante do Pênalti*, que conta a história de um crime cometido sem motivo ou intenção. O personagem leva, a partir do crime, uma vida comum, a esperar pela polícia.

Joseph Bloch perde um pênalti em uma partida. Ele é o goleiro de um time austríaco, e nesta mesma partida é expulso. Não se conhece o nome das equipes, nem o resultado do jogo. Sai a esmo pela cidade, vai ao cinema algumas vezes, conhece uma mulher que trabalha na bilheteria, sai com ela, e então ele a mata. Depois de algum tempo começa trabalhar como operário, montador de fábrica. A narrativa contém uma gama de situações nas quais o goleiro se encontra.

De acordo com Jerome Klinkowitz, citado por José Pedro Antunes (Posfácio, in HANDKE, 1988, p.173), Peter Handke escreveu romances policiais num mundo que estava determinado por Wittgenstein, Chomsky e outros teóricos da linguagem e da percepção da realidade. O narrador se torna detetive de um processo subjetivo, através do qual a realidade se produz. O próprio autor, conforme Antunes, reconheceu a influência de um livro sobre o comportamento esquizofrênico, constante dos livros mais vendidos em 1968. Ele se interessou pelas fases do processo psicótico, e adotou parcialmente o modelo em sua narrativa. A perda completa de contato com a realidade não é trabalhada no livro. Contudo, no

processo literário da narrativa, inventa-se uma outra realidade, perde-se o contato com a realidade de origem, mas outra preenche a obra.

No passado, acreditou-se que a ruptura psicótica com a realidade era um processo irreversível, produzindo a figura do paciente crônico que lotava os hospitais psiquiátricos. Como não mais existem os manicômios, não mais existem os crônicos. O psicótico pode, perfeitamente, levar uma vida entre afazeres, uma vida social como outra qualquer, e buscar ajuda nos momentos decisivos das crises. O Medo do Goleiro Diante do Pênalti foi levado às telas por Wim Wenders. O avanço gradual da dissociação encontra-se igualmente no filme. O filme propõe uma inversão do olhar, ao invés de acompanhar a bola, o expectador assiste ao jogo olhando para os olhos do goleiro, observando suas reações e deduzindo, a partir daí, o que se passa no campo.

No pênalti, o goleiro tenta adivinhar em qual canto o jogador chutará a bola. Bloch foi expulso sem explicações. Viaja para matar o tempo. Há uma deriva até o encontro com Glória. Matá-la parece uma boa ideia, e ele o faz. O crime é banal, a transgressão um imperativo. A culpa não se coloca, o medo psicótico aproxima-se da sensação de indiferença. Não se sabe o que acontece com o corpo.

O medo paranoico no conto ‘Impostor’ de Philip Kindred Dick

Na literatura de Philip Dick, esquizofrênicos e andróides são intercambiáveis, alternam papéis e habitam fronteiras instáveis entre o eu e o mundo. Nela encontramos esquizofrênicos desumanizados e andróides humanizados. Sua visão da tecnologia está associada ao colapso da tradição humanista liberal. O pequeno conto intitulado ‘Impostor’, que deu origem a um filme relativamente ruim com o mesmo nome, problematiza a pergunta pelos limites entre homem e o andróide. A Terra está em guerra contra alienígenas, Spencer Ollham é um cientista que trabalha em um projeto do governo que visa acabar com a guerra. Os extraterrestres tentam se infiltrar utilizando robôs espões. Surge então a suspeita que Ollham é um desses espões. Perseguido pelos terráqueos, o herói inicia sua escalada de fuga com o objetivo de tentar provar que não é um espão.

Ao longo da história suspeita-se que o espão porta uma poderosa bomba de destruição e que, portanto, precisaria ser abatido pelos oficiais da Terra. Ollham tem a todo momento a certeza de sua humanidade, bem como a de sua esposa. Ao final do conto, pautado pelo medo

provocado pela perseguição implacável e pela possibilidade de ser assassinado, os terráqueos encontram o personagem principal junto à nave onde supostamente estaria o espião. O final surpreendente contém o pavor no rosto de Ollham, quando este encontra, dentro da aeronave, o cadáver humano de Spencer. Alguns segundos após, a explosão se consuma. A máquina explosiva acreditava cegamente em sua humanidade.

O medo paranoico antecede o acontecimento, ao contrário do medo esquizofrênico, desencadeado no momento do acontecimento. Da literatura de Philip Dick, podemos extrair uma espécie de medo cujas raízes remontam ao controle estatal da vida, aos fluxos informacionais presentes nas mídias, e às realidades produzidas pelo uso de medicamentos. É curioso que suas últimas obras, como *Vallis*, por exemplo, sejam consideradas romances teológicos. De acordo com Anthony Enns, citando o crítico Christopher Palmer, *os romances teológicos de Dick representam uma clara ruptura com o pós-modernismo, porque introduzem um nível de seriedade ética que contradiz o sentido pós-moderno da textualidade do significado* (ENNS, 2006). Tratar-se-ia de uma experiência de Deus em um romance que não comporta a aplicação das teorias pós-modernas tecnológicas presentes em romances e contos anteriores do autor.

Na paranoia, outro mundo é inventado; vozes, imagens, sensações, cheiros, são produzidos alucinatoriamente, fabricando uma paisagem de terror e perseguição. Há muitos contos de Philip Dick que poderiam ser analisados a partir do medo paranoico instalado a partir da relação com a tecnologia e com as máquinas. Não deixa de ser curioso que diferentes casos de psicose com traços paranoicos estejam assentados na fabricação de homens máquinas, robôs, e outros objetos técnicos, para usar a terminologia de Gilbert Simondon.

Não sabemos com exatidão a origem das alucinações na paranoia; em alguns casos suspeita-se de que não são realmente vozes, mas equivalentes do tom das palavras faladas, cristais de vocábulos, sons perdidos no tempo, fragmentos sonoros atonais. Por outro lado, encontramos na paranoia uma relação especial com o tempo, um modo especial que parece comprimir o tempo, produzindo a sensação do sufoco e da perseguição. Diminuição da margem temporal que torna a experiência assustadora e intolerável para o corpo. A relação com a tecnologia se torna ainda mais curiosa, pois o tempo técnico parece querer acelerar os processos e vivências do tempo, submergindo o sujeito em uma avassaladora experiência de desorientação e até mesmo de extinção do tempo. Jonathan Crary observou em *24/7 – Capitalismo Tardio e os Fins do Sono*, que a ideia de aceleração atingiu uma velocidade e

uma abrangência inéditas, chegando ao sono. Estamos imersos em trabalho constante e nossas reservas de sonho e de sono são o alvo do capitalismo contemporâneo. Relatos e memórias de trabalho com pacientes paranoicos sugerem que estes vivem com a sensação de não dormir, perseguidos pelas forças sensíveis do mundo.

O medo paranoico de Philip Dick surge, por um lado, das relações entre homens e máquinas; por outro, do problema do duplo, explicitado nos movimentos de despersonalização e perda de si, entre o homem desumanizado e o andróide humanizado, movimentos que se intensificam com a morte do sujeito e o desaparecimento de si.

O medo metafísico no conto ‘O Chamado de Cthulhu’ de Howard Phillips Lovecraft

A emoção mais antiga e mais forte da humanidade é o medo, e o tipo de medo mais antigo e mais poderoso é o medo do desconhecido. Poucos psicólogos contestarão esses fatos e sua reconhecida verdade deve estabelecer, para todos os tempos, a autenticidade e dignidade da ficção fantástica de horror como forma literária. (LOVECRAFT, 2007, p.13)

Desta maneira Lovecraft inicia seu estudo intitulado ‘O Horror Sobrenatural na Literatura’. Seu conto mais famoso, O Chamado de Cthulhu, apresenta uma estatueta de pedra representando um híbrido de ser humano com dragão, testemunha da existência de criaturas anteriores à existência de vida no planeta. Estes seres é que teriam criado a vida, e não Deus, e o homem seria uma criação desses seres, criatura gerada por escárnio e com fins de servidão. Os mitos de Cthulhu constituem uma metáfora para a insignificância do homem perante o universo.

Fatos posteriores ao longo da história permitiram a abertura de janelas para a comunicação com mundos estranhos, totalmente ocupados por forças da natureza, maléficas e destrutivas, capazes de atemorizar os homens e criar mundos inimagináveis para a capacidade humana de sentir medo. No relato do inspetor Legrasse encontramos:

Só a poesia ou a loucura poderiam fazer justiça aos clamores ouvidos pelos homens de Legrasse enquanto abriam caminho através do negro lodaçal em direção ao fulgor rubro e ao som dos tamborins. Existem certas qualidades vocais particulares aos homens, e outras particulares às bestas; e é terrível escutar uma sair da garganta da outra. A fúria animal e a libertinagem orgiaca incitavam paroxismos demoníacos por meio de gritos e êxtases ruidosos que explodiam e reverberavam pelos bosques noturnos como tempestades pestilentas das profundezas do inferno. De vez em quando os uivos discordantes cessavam e, do que parecia ser um coro bem treinado de vozes ríspidas, erguia-se em um cântico aquela terrível frase ou feitiço: ‘na casa em R’lyeh, Cthulhu, morto, aguarda sonhando’. (LOVECRAFT, 2012, p.111).

A literatura de horror, uma variação da literatura fantástica, privilegia os efeitos de recepção, produz emoções, entre elas e em especial, o medo. Lovecraft acreditava que a predisposição ao horror seria um fator biológico no ser humano e remontaria ao mundo primitivo e aos antepassados (FRANÇA, s/d). De certa forma, o autor acompanha Freud no fato de que as raízes do medo remontam às experiências ligadas à morte. Cadáveres, monstros, híbridos, espíritos, fantasmas, criaturas horripilantes, povoam o imaginário das literaturas que tem no medo uma de suas experiências.

Lovecraft termina o conto de Cthulhu com a seguinte recomendação: *rezo para que, se eu não sobreviver a este manuscrito, meus executores ponham a cautela antes da ousadia e cuidem para que ninguém mais lhe ponha os olhos* (LOVECRAFT, 2012, p.132). Por sorte, sobrevive algo de corajoso no leitor. A literatura fantástica depende, em certa medida, dos medos e pavores gerados na leitura.

A citação de Suely Rolnik no início do artigo aborda a crueldade da vida e a necessidade de se assustar menos com as forças disruptivas da existência. Esse exercício difícil, pois a vertigem toma todos os sentidos e os ultrapassa, abre o caminho para o enfrentamento corajoso do que há por vir. A literatura, assim como a clínica, coloca em jogo exatamente a possibilidade de expandir a coragem ante os processos disruptivos mobilizados pelo desejo e por todas as outras forças intensivas da vida. O medo está ligado à vertigem e à coragem. A primeira possui a potência diabólica de contagiar o corpo; a segunda requer uma posição ética que só é possível quando o mesmo corpo está aberto para as forças do mundo.

4. Solidão e medo em tecnologias contemporâneas

Entre múltiplos usos das tecnologias, a bomba atômica lançada sobre Hiroshima materializou os temores do poder técnico humano. A destruição total, o fim das instituições, a necessidade da reconstrução completa, todo o colapso que se seguiu à explosão, bem como o ordenamento estabelecido na fabricação e utilização de bombas, obrigaram a vida social a novos arranjos, pois também a guerra estabelece novas formas de vida. Acostumados às imagens de Hiroshima, abandonamos o pensamento sobre a experiência Hiroshima. Solidão profunda do sobrevivente.

As viagens espaciais, objeto da literatura, também se materializaram no século XX. De Yuri Gagarin ao turismo espacial, não se investigou a produção intensiva das sensações do

homem que olha a terra de fora. O perspectivismo estabelecido reduziu-se àquele do homem que vê a terra de dentro. Solidão numinosa do homem que vai ao espaço.

O decifrar do código genético e a engenharia genética, em especial àquela posterior ao desenvolvimento das reações em cadeia de polimerase, que permitiram a multiplicação das cópias de DNA, expandiram significativamente a possibilidade humana de intervenção na natureza. Expansão da solidão e do medo.

Os robôs, a automação das máquinas, a vida interativa que aí se desdobra, sinalizam a possibilidade real da máquina que pensa e sente. Expansão da vida e da técnica. A solidão e o medo potencializados pela dimensão interativa. E ainda as tecnologias da informação e da comunicação, responsáveis pelo aumento antes inimaginável dos processos comunicacionais mediados por tecnologias. Em pesquisa recente², os investigadores envolvidos se depararam com duas importantes questões políticas no trato com as tecnologias: como os objetos técnicos, e as tecnologias, produzem novas subjetivações e como converter, ou traduzir, experiências, entre elas a da solidão e do medo, ou mesmo desejos, em artefatos tecnológicos. A rua de mão dupla entre homens, por um lado; objetos, técnicas e tecnologias, por outro; continua como uma das questões mais importantes de nosso contemporâneo.

5. A vida inseparável: o tecnológico em Simondon, Foucault e Deleuze

Não se trata de buscar uma definição de tecnologia nas obras de Simondon, Foucault e Deleuze. Não encontramos para o termo tecnologia o estatuto de um conceito, à exceção de Simondon. Além do mais, os três autores tinham no cenário de suas vidas, a tecnologia da segunda metade do século XX. Esboça-se aqui uma associação conceitual e um delineamento de campo, de forma a circunscrever o problema da tecnologia no pensamento dos três autores. Para Simondon, a tecnologia está associada à individuação e aos objetos técnicos. Com Foucault, o termo terá diferentes sentidos; no caso desse artigo, ele diz respeito às relações e estratégias de poder. Já em Deleuze, a tecnologia diz respeito às máquinas, técnicas e não técnicas, e às sociedades de controle.

Sabe-se que a individuação, em termos simondonianos, é física, biológica, psíquica e coletiva. Da mesma forma que os seres vivos, os objetos técnicos, as máquinas, e as relações homens máquinas, também se individualizam. O técnico e o tecnológico compõem a individuação,

² OBJETOS TÉCNICOS, FICÇÃO CIENTÍFICA E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL: investigação dos processos subjetivos implicados com as mudanças tecnológicas. Apoio: FAPEMIG.

humana e não humana, maquina e dos objetos e artefatos. Portanto, a relação com o tecnológico é processual, recria novas formas de vida e produz híbridos.

Essa composição com as novas tecnologias não se faz fora das tramas que os macro poderes e os micro poderes desenham a todo momento no cenário contemporâneo. Tablets e smartphones redesenham processos subjetivos, estes, por sua vez, são alvo dos investimentos para produção de novos corpos biopolíticos. De Michel Foucault, podemos extrair um modo de análise que permite estabelecer as correlações entre processos de trabalho; tecnologias de transformação do petróleo bruto presentes nos plásticos de revestimento; elementos de extração natural como níquel, lítio, cobalto, zinco, cádmio e cobre; estéticas de uso, bem como tecnologias da informação; presentes nos celulares. Tecnologia e poder são indissociáveis no contexto político atual.

Deleuze já apontava para alguns desdobramentos das sociedades de controle, suas lógicas, regimes e programas. Passados alguns anos dessas importantes obras, acredita-se que elas possam contribuir na análise das tecnologias atuais. Qual a importância de uma sistemática análise das tecnologias? É possível pensar que novas metodologias de análise da tecnologia produzam outros modos de se relacionar com os objetos técnicos e os artefatos tecnológicos? Em que medida, essa análise terá contribuições nos campos político, comunicacional e clínico?

Considerações finais

A aproximação da literatura, sobretudo de ficção científica, com as tecnologias contemporâneas, parece indicar uma estratégia consistente, valorosa e de muitos caminhos na análise do cenário tecnológico atual. Compreende-se a solidão como força afirmativa, experiência de resistência aos poderes, e condição singularizante da existência. O medo, sentimento ou condição política, expressa-se igualmente em diferentes tipos de literatura e em diferentes relacionamentos com as tecnologias.

Tecnologias e modos de uso geraram ora posições tecnofóbicas, ora posições tecnofílicas. Aproximando-as do campo artístico da literatura, e dos pensamentos de Simondon, Foucault e Deleuze, encontramos uma linha distinta para sua abordagem.

O campo investigativo das relações entre tecnologia e política ampliou-se ao longo do século XX a ponto de modificar a natureza das guerras. Hoje, o ponto de convergência dessa

questão está distribuído no cotidiano de pessoas, cidades, países, e sua escala planetária, macro e micro, demandam análises que contribuam não só para a compreensão das questões aí implicadas, como também para novos desenhos e formas de convívio entre homens e tecnologias.

Referências

- ALBERONI, Francesco. **Enamoramento e Amor**. Ary Gonzalez Galvão. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Tradução de Roberto Raposo. 7ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- ASIMOV, Isaac; WARRICK, Patrícia; GREENBERG, Martin. **Máquinas Que Pensam: obras-primas da ficção científica**. Tradução não informada. Porto Alegre: LPM, 1985.
- CRARY, Jonathan. **24/7 – Capitalismo Tardio e os Fins do Sono**. Tradução Joaquim Toledo Júnior. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2014.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Tradução Luiz Orlandi e Roberto Machado. São Paulo: Graal, 1988.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DICK, Philip Kindred. **Realidades Adaptadas**. Tradução Ludimila Hashimoto. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- DOLTO, Françoise. **Solidão**. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (Psicologia e Pedagogia).
- ENNS, Anthony. **Media, Drugs, and Schizophrenia in the Works of Philip K. Dick**. Science Fiction Studies. 98. Volume 33, Part 1. March, 2006. Disponível em: <http://www.depauw.edu/sfs/backissues/98/enns98.html>. Acesso em: 12 de novembro de 2014.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Tradução Roberto Machado. 5ª Edição. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- FRANÇA, Júlio. **Fundamentos Estéticos da Literatura de Horror: a influência de Edmund Burke em H. P. Lovecraft**. Disponível em:
- HANDKE, Peter. **O Medo do Goleiro Diante do Pênalti & Bem-Aventurada Infelicidade**. Tradução José Pedro Antunes. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- KATZ, Chaim. **O Coração Distante**. Rio de Janeiro: Revan, 1996.

LOVECRAFT, Howard Phillips. **O Chamado de Cthulhu e Outros Contos**. Tradução Guilherme da Silva Braga. São Paulo: Hedra, 2012.

LOVECRAFT, Howard Phillips. **O Horror Sobrenatural em Literatura**. Tradução Celso Paciornik. São Paulo: Iuminuras, 2007.

PELBART, Peter Pál. **O Averso do Niilismo: cartografias do esgotamento**. São Paulo: N-1 Edições, 2013. (Série Future Art Base).

ROLNIK, Suely. **'Fale com Ele' ou Como Tratar o Corpo Vibrátil em Coma**. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/falecomele.pdf>. Acesso em: 12 de novembro de 2014.

SIMONDON, Gilbert. **Sur la Technique (1953-1983)**. Paris: Presses Universitaires de France, 2014.